



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

Noal Filho, Valter Antonio
A viagem de Ambauer pela Província do Rio Grande
Estudos Ibero-Americanos, vol. 38, 2012, pp. S223-S239
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134652599018>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A viagem de Ambauer pela Província do Rio Grande

The Journey of Ambauer by Province of Rio Grande

Valter Antonio Noal Filho*

Resumo: Com base no manuscrito inédito *A Província do Rio Grande do Sul – descrição e viagens*, resultante de excursão realizada no final da década de 1850 pelo milanês Henrique Schutel Ambauer (1840-1899), faz-se uma análise de tópicos referentes a costumes, aos hábitos culinários hoje esquecidos, a vida rústica dos habitantes do interior, a natureza quase intocada, a influência decisiva dos fatores climáticos no cotidiano dos viajantes, a rusticidade dos caminhos terrestres, a importância dos rios nos deslocamentos de outrora e a hospitalidade dos gaúchos, que variava da mais calorosa acolhida, à frieza de um pouso ao relento.

Palavras-chave: Henrique Schutel Ambauer. Viajantes. Rio Grande do Sul.

Abstract: Based on the unpublished manuscript *A Província do Rio Grande do Sul – descrição e viagens*, which arose from a journey accomplished by the Milanese Henrique Schutel Ambauer (1840-1899) in the end of 1850s, an analysis is developed focusing on topics related to costume, nowadays forgotten cooking habits, rustic life of the inhabitants of the countryside, unspoiled nature, the crucial influence of climatic factors in the routine of the travelers, the rusticity of terrestrial paths, the importance of rivers for journeys in former times and the *gaúchos* hospitality, which varied from a warmest welcome to a coldness of landing outdoor.

Keywords: Henrique Schutel Ambauer. Travelers. Rio Grande do Sul.

* Graduado em Comunicação Visual (1983) pela Universidade Federal de Santa Maria, instituição onde trabalha.

É justo e necessário conferir a Abeillard Barreto (1908-1983) o mérito de tornar conhecidos inúmeros autores estrangeiros que trataram sobre o Rio Grande do Sul; entre eles Enrico Ambauer, do qual nos ocuparemos. Desde 1937, quando publicou *As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul*, e ao longo de sua vida, aquele pesquisador realizou de forma solitária, minuciosas investigações sobre o tema, culminando com a monumental e insuperável obra intitulada *Bibliografia Sul-Riograndense: a contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul*.

O viajante

Nascido em Milão, em 1840, Enrico Schutel Ambauer chegou ao Rio Grande do Sul com 17 ou 18 anos de idade, empreendendo sem demora sua viagem pela província. Tomado de curiosidade incomum sobre as coisas do Rio Grande, o jovem italiano adaptou-se rapidamente ao Brasil e à língua portuguesa, passando logo a assinar “Henrique”. Radicou-se, mais tarde, na cidade do Rio Grande, onde viveu muitos anos como professor de música. Não se sabe até quando Ambauer teria ali residido, contudo, a maioria das correspondências que enviou a diversos membros da *Società Geografica Italiana*¹, até 1877, eram originárias do Rio Grande do Sul. Já, no ano seguinte, foram postadas em Milão.

O ilustre Barão de Capanema, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) desde 1848, conheceu Ambauer na residência de seu tio² de mesmo nome, médico na cidade do Desterro. Foi a seu pedido que o milanês redigiu o relatório *Itinerario da Cruz Alta ao Campo Novo da provincia do Rio-Grande do Sul*, primeiro trabalho que publicara, na *Revista do IHGB*³, em 1868. Esse artigo parece ter motivado a aprovação de Ambauer como sócio correspondente daquela instituição, em 11 de setembro de 1868. Cinco anos mais tarde, despendo-se

¹ <<http://www.archividelnovecento.it/archivinovecento/>>.

² Henrique Ambauer Schutel (o tio), nasceu na Suíça ou no norte da Itália, em 1805, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1885. Além da semelhança no nome, ambos se destacaram na música: conforme Robert Avé-Lallemant, que conheceu o médico no Desterro, este era “hábil diletante musical, um tocador de violino”. Fontes: MAAR, Juergen Heinrich. *Memória histórica da química em S. Catarina*. In: GOLDFARB, J. L. & FERRAZ, M. M. (Orgs.). *Anais (VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia) e AVÉ-LALLEMANT, R. Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1980.

³ *Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil*, tomo XXXI, parte segunda, 1868.

de certa autocensura que adotou na versão aproveitada pelo austero periódico, o autor reescreveu o *Itinerario*, ampliando-o com detalhes que antes omitira, talvez os mais significativos. Este constitui parte do manuscrito acerca do qual trataremos: *A Província do Rio Grande do Sul – Descrição e Viagens*, obra parcialmente publicada na *Revista do IHGB*⁴, da qual há um segundo trecho que se conserva inédito, com 172 páginas, e datado de 1873 – embora trate de viagem realizada quinze anos antes⁵.

Ambauer faleceu na cidade natal, em 30 de dezembro de 1899.

Província do Rio Grande do Sul, primavera de 1858

Ambauer chega do Rio de Janeiro em um barco da Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor, após cinco dias incompletos de viagem.

⁴ *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* (tomo LI, parte II, 1888).

⁵ A pesquisa que precedeu a redação deste trabalho não comprova oficialmente a data da viagem; contudo, atrevo-me a fixá-la entre fins de setembro e início de outubro de 1858, o que justifico com as digressões a seguir:

- a) Começamos pelas palavras do autor, que omite o ano: “Passei os meses de inverno em Porto Alegre; quando veio a primavera aproveitei o convite de um distinto cavalheiro e em sua companhia segui para a campanha”.
- b) Ambauer encontrou o padre Filippo Isnardi em Rio Pardo. Este religioso atuou em Soledade até 1857 (o mês é ignorado). Neste mesmo ano, assumiu em Rio Pardo e, já em outubro de 1858, retirava-se para a Paróquia de Lavras. Fonte: RUBERT, Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul* (v. 2), EDIPUC, 1998. p. 125 e 239.
- c) “Aos tres dias do mez de Maio de mil oito centos cincoenta e oito” firmaram contrato o Governo da Província e a Companhia Jacuhy. Consta que os empreiteiros, “independente de subsidio algum, ou de indemnisação de qualquer natureza, igualmente se obrigão a estender as viagens do Rio Pardo até a villa da Cachoeira, e Colônia de Santo Ângelo, ou até suas visinhanças, todas as vezes que no rio Jacuhy houver sufficiente fundo”. Fonte: *Documentos annexos ao relatório do presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Angelo Moniz da S. Ferraz, apresentado a Assembléa Legislativa Provincial na 1a sessão da 8a legislatura*. Porto Alegre, 1858.
- d) Ambauer refere-se às dificuldades enfrentadas pelos agricultores da Colônia Santo Ângelo, quanto ao escoamento da produção. Ora, para que tais dificuldades fossem notadas, obviamente deveria haver produção. Parece não ser o caso: sabe-se que Avé-Lallemant (*Viagem pela Província do Rio Grande do Sul – 1858*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1980. p. 198 e 199.) passou ali em fins de março de 1858, assinalando “sua instalação apenas acaba de iniciar-se”; “verdadeiro caos, completa confusão de um princípio de colônia”; “numerosas famílias em pequenos compartimentos contíguos” e “nos próximos dias muitos deles deviam seguir para as cotas de terra que lhes tinham sido atribuídas”. Além disso, “para ali forão enviadas as primeiras famílias, á 28 d’Outubro do anno passado [1857], e os colonos chegados no fim do mesmo anno”, conforme consta no *Relatório do presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Angelo Moniz da S. Ferraz, apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na 1a sessão da 8a legislatura*. Porto Alegre, Typ. do Correio do Sul, 1858.

Principia sua narrativa, em português fluente, com recordações sobre o aspecto desolador da costa e as dificuldades para transpor a barra na primeira oportunidade em que se aproxima da cidade do Rio Grande. Embarcando para Porto Alegre no dia seguinte, comenta sobre a viagem que durou 22 horas, dificultada por forte vento do nordeste. A partir de Itapuã, pôde apreciar os graciosos contornos do Guaíba e ao acercar-se da cidade, compara seu assentamento com o de Montevideo.

O jovem viajante demorou-se em Porto Alegre durante os meses de inverno. Mesmo assim, foi econômico ao descrever a cidade:

Algumas de suas ruas têm rápido declive, máxime as transversais; as outras o são menos. Em geral é cidade regular, procurando hoje melhorar sua edificação. O que possui de mais agradável que as mais cidades da Província são os arrabaldes. Em qualquer ponto a que se vá encontram-se golpes de vista verdadeiramente encantadores.

Com a chegada da primavera, aceitou o convite de um “distinto cavalheiro” para seguir em sua companhia rumo ao oeste da província.

Partem em um vapor da Companhia Jacuhy, que tão logo se afasta da cidade, passa pelas ilhas, comparáveis a jardins flutuantes e onde se avistam diversas chácaras e quintas. Naquele cenário sedutor, observa que uma ilusão de ótica faz com que os navegantes se julguem parados, enquanto em torno de si tudo se move.

Logo, encontram-se no Jacuí, onde, eventualmente, alguma ilha divide em dois o curso do rio, entre as quais a famosa Fanfa – que não viu, pois uma chuva obrigou-o a retirar-se do tombadilho, dirigindo-se à parte interna da embarcação:

[...] descí para a câmara, onde os passageiros já se achavam, uns jogando o dominó ou as cartas, outros sentados fumando ou deitados nos beliches, os quais ocupam abertos, os dois lados da sala de jantar, se como tal se pode considerar o compartimento em questão.

Como as senhoras têm uma câmara especial, por detrás por dessa sala, para onde retiram-se com as crianças e as escravas; podia-se por isso estar em plena liberdade: dormindo, fumando ou jogando.

Antes da primeira parada, nas Charqueadas, ao passarem pela foz do Arroio dos Ratos, foi anunciado o jantar a bordo, “os criados, segundo o uso brasileiro, colocaram todas as iguarias sobre a mesa, acumulando os doces e a fruta. Depois da sopa cada um serve-se à vontade do que

lhe agrada, havendo, então, ocasião de observar os gostos os mais disparatados.”

A viagem continua rio acima, e logo encontram a vila de São Jerônimo, para a qual Ambauer antevê certa opulência e riqueza caso se desenvolvesse a exploração carbonífera. No lado oposto do Jacuí, junto à foz do Taquari, estava a vila do Triunfo, decadente desde a “época da revolução”, cuja importância foi-lhe roubada por São Jerônimo. O casario de Triunfo, embora abandonado, conservava bom aspecto, o que não observou na vizinha da outra margem.

Neste ponto do manuscrito, e em outro logo adiante, o autor interrompe sua narrativa para reproduzir transcrições de dois trabalhos redigidos pelo também italiano Angelo Cassapi, então recentemente falecido⁶. O primeiro sobre Geologia e Mineralogia e o outro, mais extenso, acerca das cachoeiras do rio Jacuí.

Ambauer retoma a narrativa ao partirem quase ao anoitecer e, às 22 horas, param em Santo Amaro, onde desembarcam diversos passageiros. Faz considerações sobre a decadência da vila, sobre as dificuldades de franca navegação a partir desse ponto do rio, as possíveis interferências que poderiam atenuar tais obstáculos e a projetada estrada de ferro no vale do Jacuí.

Passando Santo Amaro, costearam a ilha de Curral Alto pelo canal do Furado e, durante a madrugada, detiveram-se na Estância dos Dourados para o embarque de lenha, pois acabara o combustível do barco. Alguns passageiros com espingardas aproveitaram para abater aves para o almoço.

Após 23 horas de percurso desde a capital, chegaram à Rio Pardo:

A cidade do Rio Pardo é muito regular em suas ruas, menos em algumas que são truncadas e outras menos retas. A igreja matriz, que chama logo a atenção, é uma das mais vastas da Província e, como todas elas, não tem a menor beleza arquitetônica. Duas outras capelas, a de S. Francisco e a do Senhor dos Passos, servem ao culto católico; são, porém, de pouca aparência. Junto à Capela dos Passos acha-se em construção um grande edifício destinado a servir de hospital.

Em Rio Pardo, Ambauer foi apresentado ao Barão do Triunfo – que lhe propiciou excelente acolhida – e, na casa de um genovês de nome

⁶ Cassapi faleceu em 1872; portanto, no ano anterior ao da redação do manuscrito, por Ambauer.

Sacarello, encontrou-se com o Padre Isnardi⁷, “homem sumamente ilustrado, dedicando o tempo de que podia dispor a estudos de história natural.”

De Rio Pardo, o autor seguiu rio acima, não podendo avistar as diversas cachoeiras existentes no trecho, por estarem submersas. A sua esquerda, passou pela foz dos “arroios Tabatinga, D. Marcos, Iruhy e Piquiry, unidos ao Palmas”, e no lado oposto, a cinco léguas de Cachoeira, o rio Botucaraí, torrentoso no inverno.

Embora tenha realizado o trajeto fluvial até a cidade de Cachoeira – o mais extenso, com cerca de 18 léguas – Ambauer informa que para ali convergiam dois caminhos vindos de Rio Pardo: a Estrada Real, mais ao norte, pelo cume das coxilhas, passando pelo lugarejo denominado Cruz Alta e por uma sólida ponte de pedra, em um trajeto de doze léguas; e outro, mais ao sul, cortando banhados da várzea do Jacuí, com nove léguas.

Recém chegado da Europa, Ambauer presenciou cenas que lhe provocaram estranhamento frente aos hábitos brutos de alguns passageiros:

Durante a viagem alguns passageiros atiraram sobre as inofensivas capivaras que atônitas observavam a passagem do vapor; uma ou outra que conseguiram ferir atiravam-se ao rio onde conservavam-se mergulhadas para surgir muito mais longe se o ferimento não era mortal.

Diversas espécies de pássaros esvoaçaram, quando o vapor deles se aproximara, para ir pousar mais longe, enquanto que outros, abrigados no espesso dos bosques faziam ouvir seus graciosos cantos. Entre estes, o Ferreiro furtava-se da minha curiosidade em querer vê-lo, e, ora mais perto, ora mais longe, fazia ouvir seu grito, imitando o martelo sobre a bigorna ou a lima no ferro.

Esse canto festivo da criação tinha para mim um encanto indefinível, enquanto que aos meus companheiros era-lhes completamente indiferente.

Haviam terminado de jantar quando tocaram o porto de Cachoeira, após doze horas de viagem desde Rio Pardo. Foram entusiasticamente recebidos por amigos de seu companheiro de viagem e embarcaram em um “omnibus” que os conduziu ladeira acima até a cidade. Do

⁷ O padre Filippo Isnardi, nasceu em Savona (Itália), em 1803 e faleceu a 15 de junho de 1860, em Porto Alegre.

alto, no Cemitério⁸, desfrutou de extenso panorama para o oeste, com a cachoeira do Fandango e, mais ao longe, a súbita curva do Jacuí. Na cidade, notou algumas ruas bem alinhadas, mas não viu edifício algum que lhe chamasse a atenção. Fez menção ainda aos arroios Capané e Irapuá, dois afluentes do Jacuí situados rio acima.

Como já fizera com a cidade de Taquari e com a colônia Santa Cruz, dedicou alguns parágrafos a observações sobre outros lugares que não visitou. Foi, no entanto, invariavelmente preciso. Assim, ao comentar que de Cachoeira partia uma estrada para o sul, atravessando o passo do Seringa, rumo às vilas da Caçapava e de São Sepé, aproveitou para descrever sumariamente as duas localidades, destacando que na primeira iniciara há pouco a exploração aurífera. O mesmo procedeu com a cidade de São Gabriel – que, entre as três citadas, diz ser a principal como centro comercial da Campanha – e com a colônia alemã Santo Ângelo⁹, então recentemente implantada. Conforme Ambauer, deve-se à sua condição de isolamento o fato de não progredir na proporção de sua fertilidade, antevendo que esse quadro sofreria rápida alteração caso o traçado da projetada ferrovia do centro da Província atendesse a colônia e outros lugares situados na várzea do Jacuí.

De Cachoeira para o oeste, a viagem seguiu por terra. Agora acompanhado por três novos parceiros – um amigo, negociante em Porto Alegre, que encontrara em Cachoeira, e dois peões que carregavam as malas e conduziam os cavalos para as frequentes mudas – Ambauer tomou o rumo de Santa Maria da Boca do Monte.

Cerca de uma légua ao norte de Cachoeira, a estrada entronca-se com a que vem de Rio Pardo e segue para oeste, rumo ao passo de São Lourenço. Outro ramal vai inicialmente para o norte, e efetuando grande volta para percorrer terras mais elevadas, alcança o Passo Real do Jacuí. Os peões, todavia, conhecedores da região, conduziram-lhes por um atalho que atravessa uns banhados na várzea, tendo sido necessário por diversas vezes encolher as pernas para não molhá-las. “O bom humor de meu companheiro de viagem e as canções dos peões, distraíam-me, no entanto, do desgosto desse contratempo.”

Entre Cachoeira e o Passo Real do Jacuí, Ambauer viu casas esparsas de aspecto paupérrimo pelo caminho, a maioria cobertas de palha; sendo comum na época das cheias os seus moradores resultarem ilhados e privados de recursos elementares.

⁸ O atual Cemitério das Irmandades.

⁹ Atual município de Agudo.

Após sete horas de percurso, acercaram-se do passo, mas não foi possível vadeá-lo prontamente, pois a travessia de algumas carretas tornou-se empecilho durante horas. O trabalho era realizado com incrível morosidade.

Alguns metros acima do passo, avistaram uma fileira de oito pilares de pedra que emergiam da água, de margem a margem. Ao indagarem as razões pelas quais tal ponte¹⁰ não fora concluída, foi-lhes dito que o governo provincial avaliara não serem suficientemente sólidos. Ironicamente, transcorridos 153 anos desde a viagem de Ambauer, os pilares permanecem incólumes em sua posição original.

A travessia foi realizada em uma flotilha de canoas pelo “velho Alexandre Moreira”¹¹, que por contrato, tinha o privilégio exclusivo da passagem, e

teria sido sem incidente se um dos peões não tivesse levado um dos cavalos a reboque, preso pelas rédeas; a força da correnteza e a que fazia o cavalo para nadar fez a canoa ir água abaixo e ser preciso ir socorrê-la por ter-se-lhe quebrado o remo. Felizmente, pudemos alcançar o passo, já escuro, e quando vinham outros em nosso socorro.

Após a experiência que poderia ter custado a vida ao “teimoso peão”, o autor assinala a existência de algumas casas junto ao passo e que esse número tendia a aumentar, posto que essa passagem tornava-se a preferida dos viajantes que rumavam ao oeste da Província.

Avestruzes e seriemas passaram a ser vistos com frequência. Mas afugentavam-se lépidos mediante a aproximação dos viajantes.

Logo adiante, a parada em um bolicho quase resultou em “peleia” sangrenta...

Ao terminar a várzea encontramos ao lado esquerdo uma casa onde vendiam gêneros alimentícios necessários aos viandantes e moradores vizinhos.

¹⁰ Iniciada em 1848, a ponte do Passo Real do Jacuí foi colocada em uso somente em 1872. Em 1893, durante a Revolução Federalista, combatentes atearam fogo no último vão para impedir a passagem dos adversários. A ponte jamais foi recuperada. Fonte: BRONDANI, Darci. A malfadada ponte do Jacuí. In: *Diário de Santa Maria*. 23/1/2010.

¹¹ Conforme o *Mappa da Provincia de S. Pedro do Sul, e terrenos adjacentes das provincias limitrofes*, publicado por Antonio Ruiz de Araújo, em 1843, Alexandre já se encontrava ali estabelecido nesse ano.

Como estávamos providos de tudo, não necessitamos parar; porém, meu companheiro entendeu que devia apelar-se e entrar na venda. Diversos carreteiros estavam junto ao balcão bebendo aguardente e convidaram-no a beber e, como não gostasse, recusou. Um dos indivíduos achou que era insolência a recusa e dirigiu várias palavras grosseiras ao meu companheiro que, pouco habituado a isto, deu-lhe um soco que o estendeu ao chão. Foi necessário que eu intervisse para que não houvesse sangue. Ofereci uma garrafa de vinho do porto aos carreteiros e esses acalmaram-se.

Seguindo viagem, passaram pelo lugarejo conhecido por Enforcados¹², onde havia “uma casa de negócio e outras de moradia” ao redor. Almoçaram sob a sombra de três belíssimos umbus.

Passaram pela Restinga Seca, e mais adiante por um cemitério cercado no meio do campo. Alcançaram o lugar chamado Arroio do Sol¹³, onde havia uma venda de aspecto miserável. Seu proprietário negou-lhes pouso, todavia, com noite tão serena lhes foi mais agradável dormir ao relento. Os peões acenderam o fogo e estenderam os arreios. Esta foi a primeira noite que Ambauer dormiu no campo, o que lhe causou impressões fortes:

O canto festivo da natureza durante o dia tinha-se tornado lúgubre e tristonho à noite. O silêncio era a cada momento interrompido por um grito estranho e por um lamento prolongado. Meus companheiros dormiam vestidos a roda de mim, o fogo ardia ao lado levantando alguma labareda de vez em quando, amortecendo logo como se quisesse retrain sua luz receoso, ora de ser mordido por algum inseto venenoso, ora por um desses répteis tão nocivos à noite.

Mais um dia pela frente: a pouca distância de Santa Maria, pararam para sestar antes do almoço. Mal haviam apeado quando apareceu um morador dos arredores com uma terneira presa ao laço, a qual mandou matar junto ao lugar onde estavam...

Em um instante esquartejaram a terneira e colocaram alguns pedaços diante do fogo de uma fogueira, adubando a carne com uma solução d'água e sal. Esse manjar, chamado no país assado com

¹² Conforme o *Mappa da provincia de San Pedro* que acompanha os *Annaes da Provincia de S. Pedro*, do Visconde de S. Leopoldo, o lugar denominado *Enforcados* fica no lado oposto do Jacuí, portanto mais perto de Cachoeira. É provável que a confusão se deva ao longo intervalo entre a viagem e a redação do manuscrito.

¹³ Atualmente Arroio do Só, distrito de Santa Maria.

couro, merece ser considerado como um dos pratos mais saborosos que há. Fazem também o guisado ou carne picada, a qual envolvem dentro de um pedaço de couro da própria rês e colocam debaixo das brasas. Não parou nisso a amabilidade do tal indivíduo, de quem infelizmente não retive o nome. Estávamos comendo os assados, quando vimos chegar dois negros trazendo sobre a cabeça dois grandes tabuleiros contendo diversas qualidades de doces, frutas, queijo e excelente pão. Em um pequeno cesto que traziam em mão vinham cuias de mate, máquina de café e algumas xícaras.

Tão lauto banquete na orla de um mato, à sombra de vetustas árvores, sentados sobre a verde relva e na mais completa liberdade, tinha um atrativo imenso; teria desejado prolongá-lo até a noite se meu companheiro não tivesse pressa de chegar a Santa Maria.

Era noite quando alcançaram Santa Maria, parando na frente da casa do Coronel Valença¹⁴ que – muito hospitaleiro – também convidara para o jantar outros viajantes que passaram logo depois:

tive ocasião de contar vinte e duas pessoas estranhas à família sentadas à mesa do ilustre coronel. Sua graciosa filha, Isolina¹⁵, fez-nos as honras da casa, o que é bastante estranho na campanha, na qual a família fica isolada nos seus apartamentos e só aparece aos parentes ou a algumas famílias de sua relação. Depois do jantar principiou a conversação sobre política, o que é uso na campanha, sendo, porém, raro que a discussão dure muito tempo. Como geralmente, a política de que falam é puramente de partidos e isso mesmo local, tinha que conservar-me calado, o que me permitia observar o entusiasmo que cada um manifestava e apreciar as idéias judiciosas que emitiam.

Às dez horas da noite cada um retirou-se ao aposento que lhe tinham destinado, aonde, como é de costume, encontram-se camas mui asseadas e preparadas com lençóis bordados e cheios de rendas ou crinas.

No dia seguinte, bem cedo, Ambauer saiu para conhecer Santa Maria. Revela que grande parte da população era composta por alemães ou seus descendentes, que principiava o surgimento de pequenas indústrias e que era o ponto de entroncamento de estradas para diversas partes da Província.

¹⁴ José Alves Valença (1811-1866). Fonte: BELTRÃO (1979. 582 p.).

¹⁵ Isolina Alves Valença (1842-1865). Fonte: BELTRÃO (1979. 582 p.).

Antes de continuar sua narrativa, Ambauer comenta que a distância entre Cachoeira e Santa Maria lhe parecera bem maior do que haviam anunciado:

Quantas vezes o viajante, já cansado da jornada, pergunta se pode atingir este ou aquele ponto antes que anoiteça e dizem-lhe que a trote não pode gastar mais de meia hora para chegar ao lugar que deseja e muitas vezes nem em duas horas o consegue? Por isso, é vulgarmente chamada légua de beíço – a que indica o campeiro quando é interpelado. Expressão bem apropriada por ser costume indicar as distâncias com uma ligeira contração da boca.

Durante a madrugada, partiram em direção ao Norte pela estrada do Pinhal, que sobe a Serra Geral. Passaram pela recentemente implantada Colônia Kroeff¹⁶, onde detiveram-se para o almoço:

Efeito, talvez, do ar, ou da caminhada, o certo é que tínhamos um apetite devorador. Prontamente servidos pelo dono da casa, almoçamos como se tivéssemos estado em jejum por mais de dois dias. O meu companheiro não se saciava de comer o excelente pão feito na Colônia, a manteiga, os diversos queijos que ele provou, os presuntos, salames e diversidades de carnes preparadas, tudo enfim era por ele elogiado, o que causava prazer aos diversos colonos que se achavam junto ao balcão da casa de negócio.

Sete ou oito léguas depois passaram pelo grande arraial chamado Tupanciretã e na estrada, perto dali, encontraram tropeiros paulistas que conduziam mulas para “a feira de Curitiba”. Quase à noite, aproximaram-se do lugar conhecido por Espinilho, onde havia a venda de um italiano. Ali foram bem recebidos: os do lugar apressaram-se em mandar secar as roupas dos viajantes – que haviam enfrentado uma tempestade – e lhes ofereceram um apetitoso jantar. Partiram cedo, e às 10 da manhã chegavam à vila de Cruz Alta.

Apeiamo-nos à porta de uma casa de negócio de propriedade de um italiano de nome Santhiago Gandulfo. O proprietário, homem velho, tinha enriquecido com o comércio e sua casa era considerada como hospedaria gratuita de quantos viandantes passavam pela Cruz Alta. Gozando da maior popularidade sua casa era frequentada por toda a classe de gente. Às horas do almoço, jantar e dormir, ele convidava as pessoas que achavam-se em sua casa de negócio, reunindo em

¹⁶ A colônia alemã do Pinhal, no atual município de Itaara, teve seu início no outono de 1857.

sua mesa o peão de tropa e o patrão, o oficial graduado e o soldado raso, o eleitor ou o deputado ao lado do mais ínfimo votante, como ele dizia: ‘o rico estancieiro e o batuso’. Tendo sido marinheiro, tinha conservado a rudeza na linguagem, a franqueza nos modos e a rústica familiaridade que é característica dessa classe. reunindo em sua mesa o peão de tropa e o patrão, o oficial graduado e o soldado raso, o eleitor ou o deputado ao lado do mais ínfimo votante, como ele dizia: oricoestancieiroeobatuso. Tendo sido marinheiro, tinha conservado a rudeza na linguagem, a franqueza nos modos e a rústica familiaridade que é característica dessa classe.

Falando numa mescla de todos os idiomas e dialetos que tinha aprendido, causava prazer ouvi-lo. Tendo sempre uma anedota a contar, um caso, um episódio de sua vida, fazia-o com grande naturalidade e termos figurados, o que entretinha agradavelmente o auditório.

O meu companheiro era conhecido do velho Santhiago, e este, logo que o viu parar, mandou que se apeasse e que mandasse os peões entrarem pelo portão com as canastras e a nossa bagagem.

Tinham entrado diversas pessoas na casa de negócio para saber se trazíamos cartas de Porto Alegre; o velho convidou a todos para ir almoçar.

Passamos a uma alcova da outra casa ao lado, onde estava a mesa posta. Uma grande sopeira estava no centro, contendo a sopa de macarrões e ao lado o prato de queijo ralado com o qual o velho burlava-se de seus convidados, dando-o para comerem com o feijão em lugar da farinha, ou dando esta para cobrirem a sopa.

Na ocasião de sentarmo-nos, proferiu uma expressão em genovês que lhe era mui vulgar, a qual eu retorqui com outra no mesmo dialeto, o que lhe causou imenso prazer e mereceu-me a sua especial simpatia.

Teríamos ficado à mesa todo o dia se meu companheiro não me tivesse convidado a ir entregar nossas cartas de recomendação.

Encontramos o acolhimento o mais franco e favorável de não poder dizer qual foi o mais cavalheiro; o que distingue os habitantes da campanha.”

Se em diversas passagens vê-se uma ilustração sem retoques do quão árduo era aventurar-se pelos caminhos do Rio Grande em meados do século XIX, são também reiteradas as alusões à hospitalidade dos rio-grandenses. O trecho anterior reforça bem essa índole de inquestionável importância, sobretudo quando precários eram os meios de transporte e os viajantes não contavam com estradas, restaurantes, hotéis etc.

Tendo permanecido três dias em Cruz Alta, Ambauer assinala que a vila constitui-se de uma grande rua que desemboca na praça da igreja e outras paralelas com poucas edificações. Atribui-lhe certa importância comercial, por ali convergirem o comércio dos ervais e por ser passagem para as tropas de mulas que se dirigem à província de São Paulo.

Partiram na manhã do dia seguinte e, após percorrer cinco léguas com mau tempo, pararam para o pouso na Estância do Lagoão, ao norte do arroio do mesmo nome. Ao amanhecer, apesar do convite do proprietário para que aguardassem em sua casa até o clima melhorar, decidiram prosseguir; enfrentando um “chuvisqueiro que caia açoitado pelo vento, penetrava o poncho e a roupa que tínhamos por baixo, enregelando-nos até os ossos” e o terreno argiloso que tornou-se assaz escorregadio, provocando a queda do cavalo de Ambauer. Sem ferir-se, montou novamente e seguiram até Porongos, uma légua adiante. No lugar havia cinco ou seis casas de aspecto paupérrimo, entre elas, duas vendas. “Entramos em uma delas e pedimos *cognac* para restituirmos a circulação do sangue. Nada tinham porém nessas vendas, apenas podiam-me vender um cálice de cachaça, ao qual o meu companheiro batizou com o nome de *Fine-Champagne*.”

Em Porongos lhes informaram que um comboio de carretas os precedia na direção de Campo Novo. Logo os alcançaram, jantaram com os carreteiros, e como a chuva continuava mais densa e o frio mais intenso,

era-nos impossível continuar a viagem e, por isso, resolvemos dormir na carreta. Esta era coberta com diversos couros sobre o toldo, tendo do lado uma como parede de palha de santa fê, gramínea que nasce nos banhados e que serve igualmente para cobrir as casas. Não podíamos enxugar nossa roupa, o que nos incomodava bastante. Além de sentirmos o frio como que entorpecer-nos os membros. O meu companheiro vingava-se no cognac e fumava como um turco.

Um dos carreteiros lhes disse que a pouca distância situava-se a casa do Major Victor¹⁷, um francês muito hospitaleiro, onde ficariam confortavelmente acomodados.

¹⁷ Trata-se de Víctor Dumoncel, nascido em Cherbourg, Normandie (França), em 21 de julho de 1814. Na juventude, foi preso em Paris por ter-se envolvido em movimentos estudantis. Conseguiu fugir, dirigindo-se ao porto da cidade, onde embarcou para a Argentina. Lá se alistou no exército, e por atos de bravura tornou-se major. Abandonou a carreira militar em 1850, passando a dedicar-se ao tropeirismo, razão pela qual acabou se estabelecendo onde Ambauer o encontrou. Dumoncel faleceu em Passo Fundo, em janeiro de 1888. Fontes: ECKER, (2007, p. 123); <<http://www.gencircles.com/users/valdenei/11/data/12710>> e <<http://www.orkut.com/CommMsgs?cmm=2519259&tid=5511112806878228377>>.

Homem inteligente e ilustrado, era agradável ouvi-lo falar e referir suas campanhas e suas longas viagens. Se a noite anterior tinha sido incômoda para nós, a que se segue era das mais aprazíveis.

O dia seguinte era radiante e belo. O vento de Nordeste tinha limpado o horizonte e ia modificando a temperatura, ainda um pouco fria. Não nos foi possível, porém, partir. O Sr. Victor tinha nos preparado diversas surpresas: de manhã uma caçada, ao meio dia um almoço de assados com couro, a tarde um passeio no seu campo, à noite um baile ao som de viola. Tinha tudo um caráter tão original que nos divertiu muitíssimo.

Os cavalos que conduziam Ambauer e seus companheiros permaneceram descansando na internada do anfitrião, que lhes ofereceu outros melhores, com os quais prosseguiram. Cerca de uma légua da casa do francês encontraram o arroio da Palmeira, facilmente vadeável, embora estivesse cheio e correntoso. Seguindo o caminho, do alto de uma colina avistaram um grupo de casas que, ao longe não parecia ultrapassar vinte a trinta. “Era a vilinha da Palmeira¹⁸, depósito das ervas do erval da Guarita e adjacentes. Lá achava-se a Comissão Científica da estrada do Alto-Uruguaí”.

Pouca foi a demora em Palmeira. Pernoitaram em uma modestíssima venda no passo do Novaes. Antes, um dos peões ofereceu-se para caçar perdizes para o jantar, o que foi aceito de imediato pelos demais.

O peão foi caçar com um simples chicote. Montado a cavalo quando via uma perdiz correr entre as macegas, dava diversas voltas à roda do lugar aproximando-se cada vez mais e depois atirava o chicote com cuja pancada entontaria o bichinho, e apoiando-se prontamente as agarrava.

Desse modo em meia hora matou cinco ou seis perdizes, as quais mandamos assar sobre as brasas e comemos no nosso jantar.

Mais um dia de viagem: atingiram, ao anoitecer, a estância de um velho paulista, juiz de paz da Freguesia. Na ocasião, ali acontecia uma espécie de julgamento...

Estava o velho sentado junto a uma tosca mesa ao lado de um indivíduo que escrevia. No mesmo quarto estavam diversas pessoas de pé e um indivíduo sentado no chão. Este estava amarrado com uma guasca, tiras de couro que servem de corda.

¹⁸ Atual cidade de Palmeira das Missões.

Estava-se fazendo o interrogatório do tal indivíduo, o qual passava por ser o ladrão de vacas, a quem os vizinhos tinham agarrado, amarrado de pés e mãos e conduzido à presença do velho. Este, com um rodeio de perguntas, conseguiu fazer confessar o ladrão e impôs-lhe a pena de ser estaqueado.

Iam executar a ordem, a qual consiste em amarrar de pés e mãos em quatro estacas a altura de um palmo do chão, devendo passar nessa dolorosa posição durante muitas horas, quando eu intercedi pelo indivíduo e foi-lhe mutada a pena em um mês de prisão.

Agradecendo ao velho a atenção que eu lhe tinha merecido este sorriu-se e disse-me: ‘Creio que o senhor não conhece nem as torturas que se usavam antigamente introduzidas pelos Jesuítas, nem conhece essa raça para quem foram criadas essas torturas. Esse caboclo terminando a sua prisão continuará a roubar e talvez eu mesmo seja uma das vítimas. Agora, veja aqui o que conservo como lembrança do bom tempo dos Santos padres Jesuítas’.

Entramos em um quarto grande onde havia algemas de todas as formas, troncos de diversas formas e tamanhos e uma infinidade de objetos para torturas, os quais mostravam terem sido usados. Revoltara-me aquela vista e pedi para retirar-nos.

Partiram cedo no dia seguinte. Sem demora, avistaram a picada que leva ao Campestre do Campo Novo, seguindo-a. Ali encontraram a casa de negócio do italiano Pedro Paggi, de quem receberam franco acolhimento. Do cume de uma colina, deslumbraram-se com a visão panorâmica da exuberante floresta, com seus troncos de imensa grossura, os cipós e o tapete de folhas secas sobre o chão, onde os raios de sol não podiam penetrar: “Por todos os lados o horizonte estava obscurecido por uma barreira verde negra da soberba vegetação dos matos seculares, contrastando com o azul do céu deslumbrante de luz.”

No dia seguinte, costeando a margem esquerda do Turvo, passaram pelo Povinho – “aglomeração de dez a doze casas de palha e alguns engenhos” – de onde seguiram para São Xavier. “Esta povoação é composta de um grupo irregular de trinta a quarenta casas de pobríssimo aspecto, uma ou outra coberta de telha. Em a extremidade sul se vê uma capelinha sob um largo, sucedendo-se na margem esquerda do arroio os engenhos desse ponto.”

Em São Xavier, foram acolhidos em casa do Capitão João Pedro de Campos, principal autoridade policial do distrito de Campo Novo. A respeito do povo dos arredores, Ambauer arriscou algumas considerações...

A população dos ervais compõe-se em grande parte de desertores dos batalhões de linha, de indivíduos de equívocos precedentes, e mulheres de pouquíssima consideração com quem vivem livremente; elevando-se aproximadamente a 2.000 indivíduos dos dois sexos. Consciências elásticas e maus instintos presidem entre eles ao seu comércio e a impunidade que podem gozar, embrenhando-se nos matos pelos labirintos de trilhos só por eles conhecidos os incita a praticar atos reprováveis e algumas vezes cruéis.

Acompanhados pelo Sr. Campos, visitaram diversos engenhos, entre os quais um bastante rústico, do qual Ambauer nos oferece uma minuciosa descrição:

Junto a uma encruzilhada de trilhos encontramos uma casinha e dois alpendres cobertos de ramos secos. A casinha ou rancho, como lhe chamam, tinha uma única abertura que servia de porta e fechava por meio de um couro.

À porta do rancho havia uma mulher, quase em estado de nudez a qual apenas nos viu, entrou no rancho e fechou-se por dentro. Apareceram logo depois dois homens carregados de ramos de ilex-congonha e mostraram-se assustados, por ver o Sr. Campos. Este fez-lhes conhecer que só tínhamos ido ver como se faz o trabalho da erva, porém que não os queríamos incomodar.

Recuperando a confiança, esses homens prestaram-se a nos dar todas as informações que pedimos, mostrando-nos mesmo como faziam o serviço.

Um deles, com um enorme facão atravessado na cintura, subiu sobre um ilex bastante alto que estava próximo, abraçando-se ao tronco e elevando-se com facilidade, com o impulso dado com os pés. Chegado ao alto prendia-se a um galho forte com uma das mãos e com a outra cortava os ramos mais finos do vegetal fazendo-os cair a seus pés. Depois de desgallar, como dizem, descem e juntando os ramos levam-nos para um dos alpendres, onde o companheiro já tinha acendido uma fogueira de ramos secos. Entre a coberta do alpendre e a fogueira havia uma segunda coberta sobre a qual penduram os ramos do ilex que dissecavam prontamente ativando o fogo. Uma vez que os ramos estejam secos os quebram o mais que podem batendo com grossas varas, acondicionando esses fragmentos de folhas e troncos a que chamam erva-mate, dentro de uns balaies oblongos, chamados jacás, feitos de taquara. A taquara, ou taquarussú é verdadeiramente o vegetal mais útil que conheço; seus verticilos servem de alimento aos animais que os erveiros empregam em transportes; o tronco cortado de diversas maneiras serve para uma imensidade de coisas, suprimindo os utensílios que necessitam; seus quiosques servem de alpendre para guardar os ramos de ilex e muitas vezes de rancho para os próprios erveiros.

O regresso se deu apressadamente, posto que seu amigo e companheiro fora chamado com urgência. Em três dias estavam em Cruz Alta e em oito em Cachoeira; ali embarcaram em um lanchão que os levou à Porto Alegre em dois dias e meio.

Antes de encerrar sua narrativa, entretanto, o jovem Ambauer prenuncia algo que – lamentavelmente – ainda soa atual: “Quanta riqueza se destrói hoje com o sistema de abater e queimar o bosque para plantar meia dúzia de pés de milho, feijão ou outro legume necessário para a alimentação dos erveiros”.

Referências

AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1980.

BELTRÃO, Romeu. *Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho*. 2. ed. 1979.

BRONDANI, Darci. A malfadada ponte do Jacuí. *Diário de Santa Maria*. 23/1/2010.

ECKER, Adari F. *A trilha dos pioneiros*. Passo Fundo: Berthier, 2007.

MAAR, Juergen Heinrich. Memória histórica da química em S. Catarina. In: GOLDFARB, J. L. & FERRAZ, M. M. (Orgs.). *Anais (VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia)*.

RUBERT, Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. v. 2.

Sites:

<<http://www.gencircles.com/users/valdenei/11/data/12710>>. Acesso em: 12 jul. /2011.

<<http://www.orkut.com/CommMsgs?cmm=2519259&tid=5511112806878228377>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

<<http://www.archividelnovecento.it/archivinovecento/>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

Fontes:

Documentos annexos ao relatório do presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Angelo Moniz da S. Ferraz, apresentado a Assembléa Legislativa Provincial na 1ª sessão da 8ª legislatura. Porto Alegre, 1858.

Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (tomo LI, parte II, 1888).

Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil (tomo XXXI, parte segunda, 1868).

Relatório do presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Angelo Moniz da S. Ferraz, apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na 1ª sessão da 8ª legislatura. Porto Alegre, Typ. do Correio do Sul, 1858.